

O CORPO EM MOVIMENTO

Eixo Norteador de uma Proposta Curricular

Maria Rita Bruel *

Atualmente discutir o CORPO torna-se fundamental para se entender o real significado do papel da Educação Física Escolar.

Por se tratar de uma proposta pedagógica o tema em questão sofrerá uma classificação didática, sendo abordado em dois momentos distintos como: O CORPO SOCIAL E POLÍTICO e O CORPO ESCOLAR.

O CORPO SOCIAL E O POLÍTICO

Optamos pelo pressuposto "o corpo em movimento" a partir da realidade de que o **movimento humano** só se concretiza através do corpo do homem. Este movimento integra uma totalidade, compreendendo não só o ato motor como muitas vezes é entendido pela Educação Física, mas toda e qualquer ação humana, que vai desde a expressão dos sentimentos até o gesto mecânico. Não é apenas o corpo que entra em ação pelo fenômeno do movimento, mas é o homem todo que age, que se movimenta.

Num projeto educacional devemos partir da realidade sócio-cultural em busca de um corpo teórico de conhecimentos que esteja vinculado ao homem em movimento num verdadeiro sentido de corporeidade. (1)

Ao se considerar Educação Física como educação é importante que não se reduza o movimento a um ato puramente biomecânico, visão esta distorcida daquela que entende ser o movimento humano o objeto de estudo dos seus especialistas.

Sendo humano ele é social e culturalmente construído e deve ser percebido em sua totalidade, como resultante da interação de seus componentes biofisiológicos e sócio-culturais, e portanto, dentro de uma visão antropológica. Revestindo-se, pois, dessa dimensão humana, o movimento representa um fato de cultura, ao mesmo tempo que se apresenta como fator de cultura.

Assim, entendemos que o movimento não é apenas um suporte que permite ao educando a aquisição de conceitos abstratos, visto que desenvolve também sensações e percepções, proporcionando-lhe o conhecimento deste complexo instrumento que é seu corpo, e por meio dele, o conhecimento da realidade que o cerca.

Na interpretação de Heloisa T. Bruhns, este corpo também se relaciona, cria, vibra, sofre repressões, percebe seu ritmo interno, possibilita todo seu ser como veículo de expressão. O ser humano se movimenta sempre de forma simbólica e expressiva, daí a afirmação de Medina: "A motricidade humana traz consigo toda uma significação de nossa existência. Há uma extrema coerência entre o que somos, pensamos, acreditamos ou sentimos, e aquilo que expressamos através de pequenos gestos, atitudes, posturas ou movimentos mais amplos" (2)

A educação física não deve prender-se na compreensão restrita do movimento, mas entender o seu significado na relação dinâmica entre o ser humano e o meio ambiente, reconhecendo que a motricidade assume um relevante papel no desenvolvimento das funções cognitivas, na capacidade

* Mestre em Educação Física
Membro da Equipe de Ensino
Departamento de 2º grau
Secretaria de Estado de Educação do Paraná

(1) Para Silvino Santim **corporeidade** significa o homem em sua totalidade. É a existência humana que engloba toda as dimensões possíveis do humano, inclusive a **transcendência**. O homem é um todo indivisível, dentro de uma realidade espaço-temporal. In PASSOS, S. (org.) Educação Física e Esportes na Universidade. pp. 79.

(2) MEDINA, J.S. A educação física cuida do corpo e... "mente". pp. 87.

de interação, comunicação e transformação do homem.

Como o movimento humano só pode exteriorizar-se em toda magnitude através do corpo, e como este constitui o ponto de referência do homem numa relação universal, torna-se necessário um conhecimento mais profundo sobre esse corpo.

O corpo pode ser analisado a partir de estudos que buscam compreender o homem na sua relação com o mundo.

Estudos de Piaget sobre o desenvolvimento da inteligência têm como princípio básico o corpo em movimento, onde ele prova que o **pensar** e o **agir** estão interligados. Quanto mais informação o corpo recebe e elabora, mais respostas motoras ele terá, e, ainda, com a reflexão sobre sua ação surge a possibilidade da criação de novos movimentos e ações motoras, gerando, assim, novos conhecimentos e informações.

Já o alemão Wilhelm Reich nos mostra a relação do corpo com uma outra esfera da nossa existência: a **emoção**. A partir destes estudos, Lowen, discípulo de Reich, ampliou os conhecimentos sobre o movimento através da Bionergética. De acordo com esta ciência, "a quantidade de energia que uma pessoa tem e como a usa determina o modo como responde às situações de vida. Obviamente, uma pessoa pode enfrentá-las de forma eficiente, se tiver mais energia passível de ser livremente traduzida em movimento e expressão..."⁽³⁾ Nesta visão a emoção e a ação se interligam, ou seja, uma determina e expressa a outra. Durante uma atividade corporal, é necessário que o aluno sinta o movimento, pense sobre ele, conscientize-se e se expresse através dele. Nessa perspectiva fica evidente que não podemos separar o sentir do pensar e do agir.

A concepção de corpo do teatrólogo brasileiro Augusto Boal, contribuiu na forma de encará-lo articulado ao social. Ele mostra a existência de uma máscara **social** determinando o comportamento do homem, e a importância de com ela romper, na busca de uma arte libertadora. Assim Boal define esta máscara social: "Somos o que somos porque pertencemos a uma determinada classe social, cumprimos determinadas funções sociais e por isso temos que desempenhar certos rituais, tantas vezes que, por fim, a nossa cara, a nossa maneira de andar, a nossa forma de pensar, de rir, de chorar... acabam por adquirir uma forma rígida preestabelecida, uma máscara social"⁽⁴⁾. O corpo revela uma personalidade, uma cultura, e, por extensão, uma sociedade.

Para a psicanálise, a compreensão do significado e natureza da noção de corpo tem origem na influência do pensamento oriental sobre o ocidental e também em três movimentos contemporâneos de forte caráter social: o hippie, o ecológico e o feminista.

Ao contrário do pensamento ocidental, a noção de corpo oriental baseia seus estudos em corpos vivos e palpantes, a partir do funcionamento das vísceras e de seus aparelhos circulatórios e respiratórios. Freire explica o **corpo oriental** da seguinte forma: "Essa visão dinâmica é um reflexo do modelo unitário do homem oriental, que não se divide em corpo e espírito, mas representa uma unidade funcional ligada ao cosmos que o envolve"⁽⁵⁾.

Segundo o pensamento oriental, o corpo do homem e o mundo exterior estão em função um do outro, explicados pelo taoísmo, que tem no **yin e yang** a resposta para o equilíbrio da natureza e do corpo humano. Decorre daí o surgimento de muitas filosofias corporais como o Tai-chi-chuan, a bionergética, a biodança, a antiginástica, a yoga e outras.

Os grandes movimentos sociais que surgiram após a Segunda Guerra determinaram, em relação ao corpo, uma radical mudança nos usos, costumes e valores éticos da sociedade.

O slogan, até, certo ponto ingênuo, "faça amor não faça a guerra", do movimento hippie, revela uma forte resistência à imposição do corpo a serviço das Forças Armadas, da competição e da produção industrial, e clama por um corpo como espaço de prazer e local de encontros e trocas. Desse **corpo hierarquizado**, que tem como símbolo as fardas e uniformes, passa-se a um **corpo fraternal**, despido de formalidades e roupas convencionais, tornando-se símbolo de nudez, de encontros e discussões, e não mais de exploração e de consumo sexual.

Esta revolução sócio-cultural fez do **corpo** o seu campo de luta, contestando o corpo produtivo, o corpo obediente, o corpo eficiente a serviço da competição e da violência, da mesma forma que contestou o corpo higiênico e funcional da ginástica e do esporte, entendendo que estes corpos servem, e muito, para manter a ordem social estabelecida.

De acordo com a máxima "mens sana in corpore sano", a ginástica trata o corpo dentro de uma perspectiva higienista, explorando a vitória esportiva como testemunho do poder nacional. Os Jogos Olímpicos demonstram isto de forma cada

(3) LOWEN, A. apud Oliveira, T. & Pereira, L. Cartilha - Esporte, pp. 7.

(4) BOAL, A. apud Oliveira, T. & Pereira, L. Cartilha - Esporte, pp. 7.

(5) FREIRE, R. A alma é o corpo. pp. 55.

vez mais explícita, na medida em que o sucesso de um resultado olímpico torna-se o símbolo de um sistema político.

Os resultados do movimento hippie são dos mais significativos para os estudos que ora empreendemos, pois despertaram para a necessidade de se ver o corpo ligado ao prazer, de perceber sua função de mediador da relação fraternal, de valorizar suas percepções sensoriais e sensitivas, e de transformá-lo em objeto e sujeito de uma concepção lúcida de vida.

Com o movimento ecológico surgiu o desejo de recolocar o **corpo na ordem natural das coisas**, numa possível harmonia entre a natureza e a cultura, como também o de excluí-lo do mundo do ter e o de situá-lo no mundo do ser, tendo como bandeira de luta o respeito pela natureza como protótipo do respeito pelo homem e pelo seu corpo.

Já o movimento feminista carregou para si o surgimento de um novo **corpo sensorial**, fonte de emoções e de sentimentos, reservatório inesgotável da fantasia. Sua mensagem corporal é traduzida através de seu bem-estar, do viver seu corpo e do dividir, sem o submeter. Este movimento trata de um **corpo para se viver** que se opõe a um **corpo para se consumir**.

Ao mesmo tempo em que o gesto humano é desapropriado daquele que o externa, ou seja o corpo, é apropriado por um sistema que o quer coisificar, assim como a quem o gera, serve ele, a partir das práticas corporais, esportivas ou não, também como elemento fomentador de toda uma "indústria corporal".

A sociedade atual valoriza muito o **corpo estético**, que não evolui na mesma velocidade das mudanças dos padrões de corpo impostos pela mesma. Este modelo obedece mais à moda que a qualquer dado imanente da natureza do homem. Sendo assim, esses padrões estéticos pertencem mais ao mundo do parecer do que do ser.

Assim, os corpos tornam-se nova mercadoria a ser consumida através de diversas formas, como a maquiagem, a vestimenta, os esportes da moda, etc. Este corpo é denominado por Medina de **corpo objeto** ou **corpo valor-de-troca**, à medida que a sociedade o percebe não só como mercadoria, mas, como capital que deve frutificar, seja pelo trabalho, seja pela institucionalização das férias.

O campo esportivo abarca, além do princípio de rendimento, elemento fundamental de uma sociedade capitalista, um extraordinário campo de exploração comercial, apresentando um mercado de acessórios cada vez mais sofisticados e mais caros.

Embasados na concepção de corpo da sociedade contemporânea, que exige apenas que este funcione, pois o tem como instrumento de trabalho, é que Freire afirma: "o burguês ama e vive seu corpo, ele é seu corpo, que possui uma realidade jamais ameaçada. Por outro lado, o proletário **tem** um corpo; ele o possui e o negocia nos contratos de trabalho. O burguês aproveita seu corpo, o proletário tira proveito dele" (6).

É a partir desta realidade que a Educação Física deve centrar seu trabalho de conscientização do cidadão, para que este possa também ter o direito de **ser corpo** e não apenas de **ter um corpo** como instrumento de sua profissão. Não estamos com isto reforçando uma dualidade negada por nós, mas enfatizando a necessidade de suprimi-la, inclusive da ordem social.

O corpo, em qualquer sociedade, é símbolo social indicador da classe social a que pertence o indivíduo, como é o automóvel, a habitação, as roupas e tantos outros "signos sociais".

Por entendermos que o corpo não deve ser utilizado pelo sistema de acordo com seus interesses, é que concordamos com Medina quando ele afirma que precisamos "buscar os elementos reflexivos que auxiliam na interpretação e decodificação dos signos sociais que estão constantemente sendo impregnados no nosso corpo. Penetrar dialeticamente no corpóreo significa recuperar, a todo instante, as condições e relações em que os seus fenômenos se realizam" (7). O corpo deve, portanto, ser entendido não através de qualquer visão departamentalizada das ciências, mas na riqueza de sua totalidade que se transforma na sua dimensão verdadeiramente humana e histórica. Dentro desta ótica o professor compreenderá que a consciência não existe prévia e independentemente do corpo, mas emerge deste, que é seu ponto de partida e expressão, atingindo o verdadeiro significado de corporeidade.

É esse corpo que a Educação Física deve compreender e explicar, buscando com este proceder, dar sua parcela de contribuição para despertar no educando uma **consciência corporal**, que lhe permita perceber-se no mundo em que vive e, de posse dessa consciência, interferir criticamente no processo de construção da sociedade e por conseguinte, de seu bem-estar.

O CORPO ESCOLAR

Para se efetivar a concepção de Educação

(6) FREIRE, R. A alma é o corpo. pp. 66.

(7) MEDINA, J. P. S. O Brasileiro e seu Corpo. pp. 92.

Física que pretendemos, temos uma proposta baseada no "corpo em movimento", que por sua vez se apresenta: no corpo consciente, no corpo livre, no corpo criativo e no corpo lúdico. Concebemos este corpo agindo e interagindo numa situação de jogo/brinquedo.

O movimento humano, neste contexto, deve ser entendido de forma consensual como afirma Bracht: "o movimento corporal ou movimento humano que é da Educação Física não é qualquer movimento, não é todo movimento. É o movimento humano com determinado significado/sentido, que por sua vez lhe é conferido pelo contexto histórico-cultural" (8).

O corpo é reflexo de uma cultura, portanto cada cultura expressa diferentes corpos, e sendo a recíproca verdadeira, vale aqui também a afirmativa de Margaret Mead "o corpo é expressão de cultura". Ainda modernamente existe uma tendência, por parte do professor, em ignorar a influência dos componentes e heranças sociais na formação do indivíduo. O professor baseia-se numa concepção biopsicológica de homem, que não o considera como tendo outra representação do seu próprio corpo, e que vai interferir em seus movimentos e ações corporais. Com muita propriedade Rubem Alves tenta explicar o projeto educacional em relação ao corpo do aluno, quando afirma:

O que está em jogo são duas maneiras diferentes de ser ver o corpo: num caso, corpo que é simples meio e que é treinado para se transformar num instrumento de luta contra o tempo e contra o espaço. Umacorida é luta contra o tempo. Já um salto é luta contra o espaço. Num outro, é o corpo reconciliado com o espaço e o tempo, e que não deseja vencê-los mas apenas usufruí-los (9).

É sobre a segunda maneira de ver o corpo que o professor de Educação Física deve montar seu projeto pedagógico, não o dissociando da emoção, da consciência e da busca do prazer, mas fazendo seu aluno sentir-se bem com seu corpo no tempo e no espaço.

Insistir no discurso do corpo liberado, solto, fonte de prazer, antidisциплиnado, quando a própria sociedade é disciplinada em relação ao corpo, cremos que é um tanto inócuo; o que podemos propor, e aqui concordamos com Heloisa Bruhns, é um corpo com sua própria linguagem de corpo solto, seja no trabalho, no estudo, no ônibus, em casa,

na relação e interação com as pessoas, sem padrões predeterminados, sem esquemas culturais de beleza determinados pela moda. Aí, sim, o corpo se apresenta como **expressão de individualidade** e ao mesmo tempo de **coletividade**, no momento em que se relaciona com o outro, respeitando-o e sendo respeitado, em que consegue interferir na ordem social estabelecida; como **espaço de liberdade** e, principalmente, como **possibilidade de expressão**.

Para melhor entendermos as formas como o corpo interage tomemos para nossa reflexão a tráfade: o movimento humano, a criança em movimento e a escola. Esta última atualmente, nega os anteriores na medida em que, para a sociedade ela significa: ordem, disciplina, crianças sentadas em silêncio, hora para levantar, hora para perguntar, hora para ouvir, hora para se emocionar, hora para brincar, hora para obedecer... Ora, a criança por si, é um ser que age por inteiro, com todos os sentidos, sem dar preferência a um ou outro sentido. O adulto, e principalmente a escola, é que determina que ela deve ouvir e ver, mas não tatear, cheirar, preceber o gosto, o tamanho, a espessura das coisas. Assim, os demais gestos de seu corpo passam a ser reprimidos, até atingir uma grande inibição e auto-repressão. Com isso a criança passa a sentir vergonha de abraçar, de sorrir, de tocar o outro, enfim, de se comunicar com o seu corpo inteiro. É justamente esta carência de sensibilidade que provoca um desequilíbrio na percepção corporal, na percepção do outro e da natureza, enrijecendo o corpo e estabelecendo as couraças musculares.

Esta mesma escola que estabelece as máscaras sociais, determinando o comportamento corporal do homem, prega a verdade dos corpos **criativo, espontâneo e lúdico**.

O corpo lúdico se expressa através da brincadeira e do jogo, e encerra as mesmas características do corpo criativo e espontâneo, uma vez que no brinquedo a criança é livre e espontânea, tem controle total sobre a situação, ela é que determina quando o jogo começa e quando deve terminar, ela consegue perceber e regular a intensidade do prazer que o brinquedo lhe proporciona. O jogo permite que ela crie e fantasie à vontade, pois, ao brincar, ela não tem compromisso com a realidade, o imaginário se transforma em real e lhe provoca uma sensação de "muitos poderes" e domínio sobre o mundo, ficando apenas no plano da expectativa, que, por sua vez, é geradora da emoção do inesperado, do oculto e do imprevisível. A grande originalidade da criança é ela ser capaz

(8) BRACHT, V. Educação Física: A Busca da Autonomia Pedagógica. In: Revista da Fundação de Esporte e Turismo 1(2), pp. 13.

(9) ALVES, R. O Corpo e as Palavras. In: Conversando sobre o Corpo. v.v.A.A. pp. 42.

de utilizar até seu próprio corpo como um brinquedo.

É numa situação lúdica que a criança consegue se relacionar bem com seu **próprio corpo** (criando seus gestos, novas situações, inventando regras, decidindo no processo), **com o outro e com o mundo** (aceitando e/ou modificando as regras inerentes às restrições). O movimento leva o ser humano a se relacionar um com o outro, aprender sobre si mesmo, quem ele é, o que é capaz de empreender. É através de movimentos que ele aprende sobre o meio social em que está inserido.

Por meio de uma ação jogada o corpo age e intercede sobre uma situação. Tomemos como referencial uma determinada situação de jogo, que envolve, no mínimo, dois jogadores, conseqüentemente ataque e defesa. Dada uma situação de ataque (frase gestual composta por um determinado número de movimentos), que é interrompida e assimilada pela defesa, codificada em gestos defensivos (nova frase gestual com um número determinado de movimentos), o defensor passa a dominar a situação e se forma uma nova ação com o seu movimento. Acontece para o oponente uma dinâmica semelhante, pois ele passa da situação de atacante para a de defensor. Para que toda esta ação fosse processada houve uma enorme e importante parcela de cognição, portanto de compreensão, até que se chegou à ação.

Com isto, reafirmamos que a visão de mundo do homem também se manifesta nos atos corporais e que o corpo imprime a forma de agir e interceder sobre o mundo.

Não temos a pretensão de encerrar aqui a questão do CORPO EM MOVIMENTO como já esgotada e amplamente debatida, pois entendemos que é um tema com implicações de muitas ordens e que compreende uma gama de relações no contexto educacional. Apenas queremos concluir a temática enfatizando que a relação Homem/Mundo, se dá via Movimento, isto quer dizer, o homem só compreenderá o mundo através da leitura das relações sociais que está inserido, se tiver um relacionamento corporal nas dimensões: **eu=outro**, **eu=meio ambiente**, desprendido de medos, angústias e tabus, e mais compreendendo o mundo numa relação dialética de ação e compreensão.

Assim, concluímos que o nosso corpo não é nenhum símbolo, nem um objeto: ele significa a nossa presença no mundo.

É através dele que somos significados e significamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- BERGE, I. Viver o seu Corpo: por uma pedagogia do movimento. S. Paulo. Martins Fontes. 3 ed. 1986.
- BRACHT, V. Educação Física: A busca da Autonomia Pedagógica. In: Revista da Fundação de Esporte e Turismo. 1 (2): 12-19. 1989.
- BRUHMS, H. org. Conversando sobre o corpo. Campinas Papyrus. 1985.
- CASTELLANI F. L. Diretrizes Gerais para o Ensino de 2º grau. Núcleo Comum. Ed. Física. Projeto SESG/MEC-PUC/SP. mimeo.
- FREIRE, R. A alma é o corpo. Rio de Janeiro. Guanabara. V. 1. 2. ed. 1988.
- MAUDIRE, P. Exilados da Infância. trad. Jeni Wolff. Porto Alegre. Artes Médicas. 1988.
- MEDINA, J. P. S. A Educação Física cuida do corpo e... "mente". Campinas. Papyrus. 1983.
- ,O Brasileiro e seu corpo. Campinas. Papyrus. 1987.
- OLIVEIRA, T. & FERREIRA, L. Cartilha — Esportes. MPAS. Rio de Janeiro. 1988.
- SANTIN, S. Educação Física e Esporte no 3º grau: Perspectivas Filosóficas e Antropológicas. In: Educação Física e Esportes na Universidade. Brasília. 51-74.1988.
- SOARES, C. L. Fundamentos da Educação Física Escolar. UNICAMP/FE/DEME. mimeo. 25 p. 1988.